

POETA DE GAVETA



15

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Profª Drª Suely Vilela
Reitora

Prof. Dr. Ruy Alberto Corrêa Altafim
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. José Aparecido Da Silva
Prefeito do Campus Administrativo de Ribeirão Preto

João Braz Martins Júnior
Diretor da Divisão de Apoio à Cultura e Extensão

Lélis Camilo Cavalieri
Chefe da Seção de Atividades Culturais

Seção de Atividades Culturais
Anderson Cardoso
Aurélio M. C. Guazzelli (Lelo)
Camila de Carvalho Michelutti
Carlos de Araújo Arantes
Ivani Moreno Cardoso
Lélis Camilo Cavalieri
Maria Aparecida Rodrigues Vitor
Regina Célia Reis da Silva
Sandra Regina Arcanjo de Carvalho Melo

Ribeirão Preto, SP

ISSN 1516-0513

POETA DE GAVETA 15

poesia & prosa

Volume 15

2008



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PREFEITURA DO CAMPUS ADMINISTRATIVO DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE APOIO À CULTURA E EXTENSÃO
SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS

Produção

Seção de Atividades Culturais

Coordenação do Projeto

Lelo Guazzelli

Seleção de Originais

Ana Carolina Sanches Borges

Oziris Borges Filho

**Preparação, Projeto Gráfico
e Supervisão Gráfica**

Valnei Andrade

Fotos

Carlos de Araújo Arantes (Chinca)

SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS • DVACEX • PCARP
Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto • USP
Rua Pedreira de Freitas, casa 04 – tel.: (16) 3602.3530
14040-900 Ribeirão Preto / SP

<http://www.pcarp.usp.br/cultura>
cultura.pc@usp.br

Poesia: gramática da fantasia

José Aparecido Da Silva¹

Rosemary Conceição dos Santos²

Gianni Rodari, reconhecido como o maior autor infantil italiano, ao ter sua obra traduzida no Brasil, na década de 80, surpreendeu a todos com as seguintes perguntas: "O que aconteceria se um crocodilo batesse à sua porta pedindo um pouco de rosmaninho?" ou, então, "Uma espingarda com x no lugar do s dispara balas, plumas ou violetas?". Perguntas inusitadas, que colocam em alerta o racional que há em todos nós, estas perguntas nos causam um "estranhamento" cujo nome é: fantasia. A mesma fantasia que nos permite o "reflorestamento humano" da Terra, bem como, o "nunca querer ficar mudo de sentimentos e sensações".

A mesma fantasia que, similarmente, moveu todos os poetas e prosadores cujos poemas e prosas integram este novo volume de Poeta de Gaveta. Quem se dedica a escrever poemas têm a personalidade dos que incitam que não devemos nos "ater às vivas tortas do dia-a-dia, em que não há ternura", como é dito num dos versos nele presente. E, a julgar das diferentes profissões abraçadas por cada um dos que, aqui, assumem a poesia como a "vida de eterno coser", entendendo, é certo, o "coser" como "criar" e "escrever", tal qual Clarice Lispector nos esclareceu, "As costureiras cosem para fora. Eu, escritora que sou, coso para

1] Prefeito do Campus da USP-RP

2] Doutora em Letras

dentro", nota-se que a Arte Poética, capaz de lhes permitir "ver além do visto, sentindo, na aridez, a secura tácita e a candura implícita" é, mais que um motor propulsor, a saber, uma engrenagem considerada no todo, que permite desde avistar semelhança entre uma árvore e si mesmo, já que "De seu raquítico cume se avistava a magnitude do horizonte", até se autoquestionar "Tu ainda sabes de cor uma a uma as tuas senhas?"

Vivemos um tempo difícil para as Letras. E mais ainda para a Poesia. Um tempo em que o analfabetismo funcional, ao impedir que milhares de leitores brasileiros não compreendam o que lêem, levam essa incapacidade para a transposição de suas "criações literárias" para o papel. O culpado disto? As cegas infrações político-econômico-administrativas, que "ardem os olhos desta terra" chamada Brasil. Uma terra que nem permanecendo "ao som de seus Bandolins" nos tem permitido mudar de direção e ver para onde os caminhos nos levam. Logo, falar da necessidade da fantasia em nossas vidas, conscientes e inconscientes, é fundamental. A fantasia da Arte, feita que é "e estrelas e almas", de "o que sou é silêncio e não ri" é muito do "vestígio das tuas palavras nas minhas". E de descobrir que a lua tem uma outra face, também. Poetas, "como os passarinhos, que têm vento por todos os lados", com cada verso baseado em realidades, ou em "sonhos que não aconteceram", ao serem lidos por nós parecem estar sempre a nos dizer "A (minha) obra também é sua". Ou seja, a minha fantasia também é sua.

A todos estes artistas que aqui participaram, fica a lição oferecida a este homem da Ciência, que sou, e que aprendeu que, dependendo da situação, bem como, à esta leitora crítica de literatura, que comigo assina este texto, a lição maior dos textos aqui reunidos: que "às vezes é necessário orar... às vezes é necessário sorrir". E é orando e sorrindo por todos que aqui lhes desejamos que seus poemas e narrativas sejam, eternamente, "presentes que nunca estragam" e jamais "textos fechados para o aprendizado ou páginas viradas para a imaginação". Ao poeta que existe em cada um de vocês, "poeta, enquanto dura sua procura pela essência pura" conclamamos que nunca parem o exercí-

cio da escrita, seja de versos, seja de orações. Para que possam "voar entre poeiras limpas", descobrindo "lições que não se chega a compartilhar", "ocaso que nos deixa um recado", sem nunca serem vilipendiados como habitantes do "reino dos lúcidos enlouquecidos".

Porque ser um homem das palavras é abdicar de "ser covarde como o dia", ou de ficar apenas sonhando, "com um ar de promessas", sem conseguir expressar, sequer, os "murmúrios e cantarolar das lavadeiras". Talvez nos dias de hoje, em que os homens se debatem com os piores "monstros que ninguém consegue ver", no qual "o algoz insiste que separemos esperança de trabalho, "independente da dor da verdade" que a insatisfação com este último nos possa causar, escrever poemas seja "descobrir caverna e mito"... enfim..."a alma bagagem" que todos temos... e que dá cor à fantasia que responde pela gramática de cada um de nós.

comissão de seleção

Poeta de Gaveta 15

É impressionante como há mais de dez anos as Atividades Culturais da USP contribuem para manter vivo o cultivo da poesia. Como é sabido, numa sociedade utilitária, só interessa o útil, o que coloca a poesia numa situação um tanto quanto incômoda.

Por isso, e muito mais, o Poeta de Gaveta é um belo exemplo que deveria ser urgentemente acompanhado de semelhantes iniciativas por várias outras instituições de ensino ou não.

Saudamos mais uma vez este exemplar d'O Poeta, (e de nós todos) esperando que a luz continue acesa e que o último, ao sair, não a apague. Principalmente numa época em que essa energia tão cara se faz cada vez mais necessária.

Ana Carolina Sanches Borges

Oziris Borges Filho

• Ana Carolina Sanches Borges, formada em Letras pelo Centro Universitário Moura Lacerda, especializou-se em *Crítica Literária e Ensino de Literatura* pela UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba). Atualmente, está em fase de conclusão do Mestrado em *Estudos Literários* pela UNESP – Campus de Araraquara. Sua linha de pesquisa aborda o espaço erótico em *Presença de Anita*, romance de Mário Donato.

karolsanches@yahoo.com.br

• Oziris Borges Filho é professor de Teoria da Literatura na UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba). Atualmente sua linha de pesquisa são as relações entre espaço-tempo e literatura. É autor do livro *“Espaço e literatura: introdução à topoanálise”* (2007).

oziris@oziris.pro.br

índice

- 21 • Reflorestamento | *Joane Kathelen Rodrigues Rustiguel*
- 22 • Morte | *Joane Kathelen Rodrigues Rustiguel*
- 23 • Uma Brecha de Amor | *Bruno Ramalho*
- 24 • Coser | *Jonathan Filippou*
- 25 • Além dos Sentidos | *Edberto Ferneda*
- 26 • A uma Árvore | *Lucas Z. Tesche*
- 27 • Hora Certa | *Lucas Z. Tesche*
- 28 • Deserto Virtual | *Ronie Charles*
- 30 • Minha Valsa | *Juliana Militão da Silva Berbert*
- 31 • Ecologia | *Cristiano José da Silva*
- 32 • Sambaqui de Estrelas e Almas | *Maria Luiza de M. Souza*
- 36 • *Ouçõ os barulhos lá fora...* | *Maria Luiza de M. Souza*
- 38 • Ausente | *Felipe Watarai*
- 39 • Passarinho | *Felipe Watarai*
- 40 • *Se o comove...* | *Roberto Rosa*
- 42 • Do Chão Ninguém Passa | *Manoel Antonio dos Santos*
- 46 • Lugar Comum | *Alexandre Donizeti dos Reis Cintra*
- 48 • Ele era um João | *Alexandre Donizeti dos Reis Cintra*
- 51 • Medidas da Vida | *Rodolfo Lopes*
- 52 • Vazios Internos | *Adilson Roberto Gonçalves*
- 53 • O Bem-te-vi | *Isnaldi Rodrigues de Souza Filho*

- 54 • Encontrado o Ovo do Monstro! | *C. R. Macedonio*
- 55 • Trenó de Papai Noel Cai em Favela | *C. R. Macedonio*
- 56 • Folhas Secas | *Amanda Fonseca*
- 58 • Tortura | *Humberto Felipe da Silva*
- 60 • Versos Soltos | *André Alves Prado*
- 61 • Cotidiano | *Maria Luísa Bonazzi Palmieri*
- 62 • Tapirapé | *Erich Colicchio*
- 64 • Pontuado | *Roque Pinho*
- 66 • Morte da Andorinha (Pouso Repouso) | *Roque Pinho*
- 67 • Reverso da Medalha | *Álvaro Coimbra Simões*
- 70 • Vaga | *Benê Giangrossi*
- 72 • Dias de Luta | *Cláudio Silva Cardoso*
- 74 • Tabacaria | *Fábio Scorsolini Comin*
- 75 • Opções (não palindrômicas) | *Werner Robert Schmidek*

POETA DE GAVETA 15

reflorestamento

Joane Kathelen Rodrigues Rustiguel

Como elas:
humildes, singelas...
caminham suaves em procissão.

Sem notável essência
sofridas, abatidas, banidas...
caminham na mesma direção.

Como um rio em que as águas calmas
e cálidas vagueiam por entre o mar...
vidas puras
impuras
totalmente cruas
desfazem-se em mágoas
a um único olhar
frio, funéreo, falido, tristonho, incontido
em brandos ventos da alma varridos...
Desfaz-se o tempo em som.

Pasmo espectro alucinante
flutua e baila no ar verdejante
como d'outra época (distante) talvez.

morte

Joane Kathelen Rodrigues Rustiguel

Não quero nada
além de ser uma laje fria
estar sem vida, errante, no caos, na sombra e no sepulcro
no dormente túmulo de uma ilusão caída.
Sem vida nesta estação.

Quero ser o escombros, o aterro, o enterro
de muitas quimeras e continuar vazio
como um doloroso pensamento tísico;
quero ficar mudo
mudo de sentimentos e sensações
e estar sereno, estático e sombrio.

Joane Kathelen Rodrigues Rustiguel

Mestrado – FCFRP

"Não possuo nenhuma experiência em atividades literárias."

uma brecha de amor

Bruno Ramalho de Carvalho

curtindo a solidão reincidente
e a frieza de uma sala sem janelas,
acabo atendo-me à beleza dos batentes,
de soleiras, piso, teto, arandelas...

e em meio a tudo isso o que me envasa,
construo um mundo findo no infinito
do que pode existir de mais bonito,
das ilusões que tenho aqui em casa...

o que pode, a princípio ser loucura,
amar tão sem limites coisas mortas,
bem menos é que se ater às vivas tortas
do dia-a-dia, em que não há ternura.

assim, em meio a toda essa folia,
abstenho-me de mim e das faculdades
e entrego-me fiel à fantasia
para deleitar-me das poeticidades.

num surto de paixão inanimado
abstrai-se do real o verso alerta,
e ama, agora, o libertino compensado
da porta da rua, que jaz entreaberta.

Bruno Ramalho

Pós-graduação FMRP

É médico ginecologista e obstetra, pós-graduando da FMRP-USP. Participou do Poeta de Gaveta 14. Tem um livro de poemas, "A Penúltima Coisa que se Faz" (1999) e seus versos podem ser encontrados na internet e em algumas coletâneas.

coser

Jonathan Filippon

Jargões e clichês
Quantos eu te amo
Sempre em crochês
Repetimos os pontos todo ano

Mudam as linhas
Outros egos vêm
A outro ponto te alinhás
Mais um pra chamar de bem

Vida de eterno coser
Furto superficialidades
A outra prometo ao lado morrer
Mostro minhas qualidades

Cega costura
Crochê alcoviteiro
A emoção é pura
A outra enterro, feito coveiro.

Jonathan Filippon

Mestrado – EERP

"Escrevo desde muito cedo, mas não possuo experiência em publicações, minha relação com a literatura sempre foi através de minhas leituras. Escrevo poesia porque preciso, é a linguagem que melhor me mostro."

além dos sentidos

Edberto Ferneda

Que os olhos não se contentem com a forma
É preciso ver além do visto
e sentir na aridez
a segura tácita
e a candura implícita

Que as mãos não se contentem com o toque
É preciso tocar além do tátil
e sentir na aspereza
o rigor contido
e a suavidade indistinta

Que os ouvidos não se contentem com a voz
É preciso ouvir além do dito
e sentir no silêncio
o ruído latente
e a força infinita

Que o nariz não se contente com o aroma
É preciso ir além da fragrância
e sentir no odor
a dureza da terra
e a ternura das flores

Que a língua não se contente com o sabor
É preciso degustar além do paladar
e sentir na amargura
o salgar da lágrima
e a doçura do riso

Edberto Ferneda

D – FFCLRP

Professor do curso de Ciências da Informação e Documentação. Mestre em Informática, doutor em Ciência da Informação. Poeta bissexto.

a uma árvore

Lucas Z. Tesche

Foi em uma árvore seca que descobri em mim semelhança
O tempo já havia decretado a morte de toda a sua bela folhagem
Não oferecia uma acolhedora sombra aos que estão de passagem
Interior atrofiado e descrente de qualquer forma de esperança

Às vezes se via um corvo descansando de sua migratória andança
Mas nenhum pássaro usava seus braços como fixa hospedagem
E em seu velho tronco, marcado a canivete, se encontrava a imagem
De nomes e nomes, declarações dignas de Byron eram a sua herança

Quando o céu negrava e o vento ousava vir lhe tocar o semblante
Seus frágeis galhos em coro recitavam seu consternado canto
Som melancólico que causava um desconforto sem aparente fonte

Era terrível, mas possuía algo que não existia em outra semelhante
Ainda que as outras possuíssem o enfeite das flores em seu verde manto
Somente de seu raquítico cume se avistava a magnitude do horizonte

Lucas Z. Tesche

A – FEARP

"Minha experiência se baseia em escrever poesias desde muito novo, mas nunca publiquei nada."

hora certa

Lucas Z. Tesche

Quando eu me embrenhei
No ventre da minha velha
Saí e não vi que deixei
Uma coisa caída dentro dela

De imediato e até tão pouco
Esse objeto falta não me fazia
Mesmo meu conto sendo louco
Havia nas entrelinhas detritos de fantasia

Mas a vida continua passageira
E foi numa noite só de passagem
Que a mesma me passou uma rasteira
Fazendo-me revirar a alma bagagem

E vi que aquele esquecido artefato
Lacuna em mim havia feito
Cacei-o como capitão-do-mato
Sem sucesso de nenhum jeito

Motivo por que cacei aquilo?
Aquilo digital, aquilo com ponteiros?
Porque com ele estaria tranqüilo
Sem precisar dos instintos pioneiros

Só que agora não me importa o Dumont
E que se dane a absoluta certeza
Sendo irresponsável ou de bom-tom
Cravo meu tempo e jogo os dados sobre a mesa

deserto virtual

Ronie Charles

Com o pulsar de um dedo sobre a macia tecla
/ eu fecho as janelas de meu ralo mundo.
Semi-árido deserto de luzes e elétrons em feixes
/ explodindo diante dos meus olhos,
Iluminando meu quarto escuro, minha sala vazia de gente,
/ meus gelados móveis de aço frio.
No frio da manhã, no cair da tarde...
No encerrar de mais um dia que vejo se consumir comigo.
Ainda agora desliguei o meu computador
/ e o meu mundo acabou, meus contatos já não
/ me encontram, minha voz teclada se cala.
Você não vê a eletricidade na tomada, vê?
Há quanto tempo a gente não se vê? E como a gente se esconde...
A película escura cobriu o vidro do carro, os óculos de marca
/ tornam inacessíveis as janelas da minha alma...
As cores da tua lente te dizem uma outra cor de mundo.
Tu ainda sabes de cor uma a uma as tuas senhas?
/ Ciladas te preparam para te desviar do caminho.
/ Teu ninho é cheio de silos,
Tua comida está cheia de química, você lê código de barras,
/ tua física cheia de desvios...
Tua mente mesmo te barra, há barras nas tuas vidraças,
/ nossa ética cheia de rombos...
/ É real, porque partilhamos nossas mentiras...
E há vazio porque está cheio de nada.
Nada é todo amanhã transferido para outro dia.
É plano que a curva deforma...
É fratura que separa o indivisível...
É átomo que não existe no som das tuas palavras...
Que de ondas inúteis e perdas expressam um pouco nossa pálida expressão,

Nossa ausência de sentidos... Num viver de ficção,
Virtual, rarefeito... Assim como o ar intragável na altitude,
/ sufocando os ansiosos pulmões...
De uma vida irrespirável que se expira velozmente.
Tanto quanto mais a gente se debate em agonia!

Ronie Charles

F – FFCLRP

"Participo do Poeta de Gaveta desde a edição 10. Membro do Observatório da Violência e do Cinedi. Atuo como performer dramatizando poemas em instituições."

minha valsa

Juliana Militão da Silva Berbert

*"Ela valsando
Só na madrugada
Se julgando amada
Ao som dos bandolins..."*

(*"Bandolins"*, Oswaldo Montenegro)

E eu danço,
Rodopio pelos cantos
Em busca de seus olhares,
Aí me espanto
E eu choro
E eu rodo
É maior que eu,
É triste o amor...

Aí, ao som de seus bandolins
Eu me esqueço
E danço
E me amo e o amo...

Não desisto do seu amor
E rodopio pelo infinito
É maior que eu,
É bonito...

Juliana Militão da Silva Berbert
Mestrado – FFCLRP

"Sempre gostei de poesia, escrevo para tentar expressar meus sentimentos. Já tive um poema publicada no Poeta de Gaveta 12."

ecologia

Cristiano José da Silva

Fumaça foge de mim
E vagueia na imensidão driblando
os obstáculos que a vida lhe impõe.
É a parte que resta da solidez intocável
Que, serenamente, acaba
Na voracidade inflamável
da ganância humana.
Ardem os olhos desta terra,
Congela os lábios destes seres.
Segue ereta nobre fumaça,
pois fumaça não de ser
quando cessarem as chamas das flores
que abastecem o viver.
Serão insuficientes as lágrimas
Jorradadas do submundo egoísta
Pelas pobres personalidades ígneas
que arderão nas brasas vivas
do arrependimento e miséria.

Cristiano José da Silva

Doutorado – FMRP

"Tenho muita simpatia pela área, mas não tenho publicações
nem participações em atividade literária."

sambaqui de estrelas e almas

Maria Luiza de Moraes Souza

Anna é mulher talhada no carvalho, mulher forte, mulher pórtico. Passa pelas coisas e os seres com um alheamento divinal, pulsátil como animal combalido, encerrada em concha calcária e brilhante. Passou ainda agora por mim, em uma enorme e vaposora, e foi pousar no sofá, estranhando as coisas da sala... Sim, Anna voa – enorme e arbórea como é, ave estúpida – voa como abutre sobre minha alma subjugada, olhos certos de desejo; sabe que o nácar que a forma ainda vai restar intacto após o terremoto.

Estou só. Suas pupilas vermelhas de toureiro fendem-me a carne. Anna entreabre os lábios, deixando-me contemplar a pérola de seus dentes, e descruza as pernas para me receber e me obrigar a ser-lhe o que deseja numa vertigem que me toma de mim, me leva a alma, me exige soldos sobre-humanos incapazes de serem sem ela, mulher que moldou meu peito de homem falido, de homem cego, de mero figurante do teatro que ela mesma comanda. Posso sentir a solidão ao redor, áspera. Anna me usa e eu, tolo, ainda agora me recosto suando na poltrona vermelha, desfeito e satisfeito, instrumento de sua fome (felino leve e astuto que me roça as pernas e me olha...). Sou fraco?

Ninguém feito de sangue e água seria capaz de resistir-lhe ao olhar, às suas mãos de camponesa, seus cabelos curtos desfeitos sobre a nuca nua como ela encostada ao batente da porta. E eu? Que posso eu, ser carbonífero e pequeno, contra os venosos terrenos segredos de Anna, contra seu perfume de orquídea exótica, contra suas coxas rijas de mármore branquíssimo?

Nada posso. Anna não faz parte de mim. Ela vai embora todas as manhãs, junto com meus sonhos, e me mostra como é impossível essa vida sem fronteiras nem mistérios. Cada partida é uma partida de mim e me reduz a uns poucos cacós verdes

e inertes como palmeiras de vidro, frágeis e imaturos sobre alicerces roucos. Sei que Anna me obriga, me compele ao abismo infindo de seu íntimo; sei que ela sutilmente me fagocita o ânimo, a vontade de ser qualquer coisa senão uma continuidade de sua natureza vegetal, que ela me toma como musgo ou formigueiro, como praga de gafanhotos ávidos, mas também não posso fugir do destino que ela para mim traçou. Anna é a única razão do meu ardente desespero, minha única e fatal angústia, a chama que me incita a ser. Por isso não fujo quando ela se chega a mim oferecendo o pescoço tenro e não privo minhas mãos do contato morno de seus seios. Pos isso deixo cimentados meus pés a esta caverna mineral e escarpada que é a vida com Anna.

Da janela alta vejo os prédios sem horizonte, a cidade morta tremeluzente... Nada disso me retém. O rosto de Anna, sobre todas as coisas, reflete as violetas: Ela é solene como uma missa em roxo. Quem será? Não, não sei. Não posso saber de que matéria é Anna, quais os elementos que se combinam para dar vida à morte essencial que ela encerra em si. Cabe-me a contemplação apenas, o ser seu urso a espera de um liame, de um afago; o estar no quarto, na prateleira de cima, esperando com os outros bonecos. É claro que nada tem efeito sobre a estaticidade de Anna, nada a perturba, nada turva sua visão certa de águia sobre meu mundo de roedor, nada muda seu jeito manso de ser superior aos meus desejos mesquinhos de homem, aos meus arroubos pequenos, às minhas paixões humaníssimas.

... quantas vezes!... Quantas vezes eu, frágil, chorei sozinho sob a cama; quantas vezes me fiz pequeno e obtuso; quantas vezes não dormi com medo da escuridão sem fim, com medo de fechar os olhos e, ao abri-los, não me encontrar em meu corpo torpe, com medo de não me saber em mim! Quantas vezes me deixei embriagado e louco num compasso de vida esperando que Anna dançasse por mim os meus últimos dias, esperando que ela viesse e eu vivesse, átomo rubro descartável em suas artérias de chumbo, molécula insignificante da ponta de suas unhas...

Mas Anna não fica nem vem nem eu vivo e cada partida me parte em explosões surdas de choro e gozo, livre de seu corpo presente, mas atado a ferros à sua lembrança. Quero amputá-la junto com meus braços e pernas e meu suor e sei que nem a putrefação e a treva eterna a que me lançariam o suicídio e a tortura nem nada há que se faça contra mim que de mim a tolha ou a arranque. Estou só com seu contorno odiado sobre esta poltrona vermelha, nesta casa vermelha, neste mundo

puro-sangue, neste universo que não é senão um cenário rubro de pôr-do-sol feito para contê-la, a ela, púrpura dos Césares, praga branca de todos os desatinos, ventre de toda tortura e toda febre. Sigo com aversão pelo caminho ávido de seu sexo flamejante e seus gemidos poucos, loucos, roucos, moucos, doidos, doidos nos poços de meus ouvidos fundos e findos – e como a amo! afogado em meu ódio infantil de homem sem caminhos ou carinhos, sutilmente como a gênese de um vulcão no equador pacífico; minha Anna

alma

mulher que me toma e me abusa e me sorve e me mata e me
deixa a um canto em seu sambaqui de estrelas e almas.

Imerso em meus papéis.

Lá fora existe uma cidade. Dentro de mim também há outra, desembocando nos limites da poesia. Há ruas e carros e seres prédios faróis castelos, nuvens memórias dores, cores sons, um elefante no circo velho, velho, velho eu com a cabeça sobre a mesa, cansado, comido, roído de traças numa cadeira de pêsames.

Sou eu.

Só eu.

Somente.

Lá fora há táxis e rodoviárias como os que existem dentro de mim; veículos para botar as coisas dentro e ir indo, sempre-sempre, perguntando perguntas, o espelho azul, o mar azul, o dia azul, meus olhos sempre castanhos. Sou eu e meus fantasmas, criados a tinta e sem rascunho; eu somente; eu e meus olhos severos de crítico de mim mesmo, na cadeira vermelha, sobre pilhas de papel antigo; sobre o que restou de mim do parto de Anna – Sou eu, Anna, minha mulher, alma criada de palavras, olhos de palavras, quimera para um cenário rubro de pôr-do-sol sobre minha poltrona vermelha.

Sou eu

minha cria-

-dor

figurante de minha estória, sonho de meu sonho, verme em minha carne;

eu que suo sobre a poltrona vermelha recostado, desfeito e satisfeito, instrumento da fome de escrevê-la minha e para mim; Anna que me obriga ao abismo infundo de seu sexo e me faz continuar seus galhos e me oferece o pescoço e os seios quando quero fugir e eu frágil nada posso (cego e encerrado nesta caverna mineral e escarpada que me forma dela).

. Eu.

Seu urso barato com vergonha de meus pés grandes e meus arroubos pequenos, que me perdi em Anna como em tempestade, átomo rubro, molécula insignificante desta história feminina, e que a dou ao mundo para matar-me a mim, final burguês de um escrito que não é bem este, mas que precisa de um fim antes do meu, precisa de um livro, de livramento, de liberdade, meu sambaqui de estrelas e almas.

Maria Luiza de Moraes Souza

Ouço os barulhos lá fora
o vento nas janelas, os carros que passam.
Dentro de mim,
o que sou
é silêncio
 e não ri.
De borco. Averso de toda prática,
inverso da lógica,
o que sou
 e não sei
é silêncio e tristeza
 havida
 profunda
surgida de lugar comum.
O amor é escuro
e não me penetra,
sua cara de espanto
 de espelho
 de ex-
 pranto
escorre na vidraça do meu corpo
que separa o eu de mim.
Tuas mãos não me alcançam.
Das janelas abertas
dos dois olhos fitos
o mundo desenha a realidade diária
tão alheia quanto os teus cabelos que cheiram
 e não cheiram por mim.
Passado
é o que acontece por fora
o que passou como as rodas do caminhão no asfalto
por cima das cabeças dos homens
num céu que não existe para o nosso
 existir.

Pas-

...

sado

voa

é o pás-

que

saro

Não para vermos

mas para Vênus.

Hoje sou Marte em guerra

mas meus pés

são terra

firme.

De dentro outros olhos espiam,

expiam penas sem aves,

a vida segue em sangue e bicarbonato

como Maria

que é o nome que me deram

e não exprime

o que sou.

Ouçõ os barulhos lá fora

meu coração que bate há vinte e três ininterruptos anos

noventa e uma mil quatrocentas e quarenta e oito horas

até hoje

neste 26 de julho de 2007

perdido

para mim mesma

ouçõ meus pulmões que respiram 18 vezes por minuto

e os músculos que trabalham silenciosamente sob a pele

para que eu possa estar aqui

agora

existindo

os barulhos que não definem meu ser

que não é de carne

nem habita o tutano desses ossos.

O hoje é como uma dor tão profunda

que o corpo

não nos deixa sentir;

ausente

Felipe Watarai

*(...)
Mas agora não sinto a sua falta.
(É sempre assim quando o ausente
Partiu sem se despedir:
Você não se despediu.)
(...)*

Manuel Bandeira, *A Mário de Andrade ausente*, em "Belo Belo" (1948)

A morte sempre espreita,
mostrando de que é feita:
temor, ressentimento?

Não somente: a lua tem
outra face também,
que é só pressentimento.

Mesmo oculta, esta lua
é a mesma que, alta e nua,
brilha no firmamento.

passarinho

Felipe Watarai

Queria morrer como
um passarinho: há pouco
pousou na soleira. Olhei
agora, não estava mais lá.

(Passarinhos voam, têm vento
por vários lados, deveria na cabeça
caber tamanha preocupação?)

Felipe Watarai
Doutorado – FFCLRP
"Tenho poemas nos volumes nove (2002) e treze (2006) do
Poeta de Gaveta."

Roberto Rosa de Faria

Se o comove
Verdadeiramente
A obra também é sua

Se o comove
Verdadeiramente
A vida é toda sua

Parei de contar as páginas que leio
E a leitura ficou prazerosa

Aliás
Quando começo a gostar de ler
É sinal de que é preciso mudar

O dono da livraria não tem tempo para ler
O dono da loja de pesca não tem tempo para pescar
O dono de sua própria vida não tem tempo a perder

Aberto somente
Aos sábados
Domingos
E feriados

Lá vai
Rumo à falência

José

Não foi a dor que passou
Você que se acostumou a sofrer

Quando tinha dez anos
Diziam-lhe que a vida começava aos vinte

Quando tinha vinte
Diziam-lhe da vida aos trinta

Com trinta
Diziam-lhe dos quarenta

E assim foi indo

Hoje
Resta-lhe crer em vida após a morte

Feche este livro
Antes que o mal se espalhe
Antes que a vida cesse
Antes que a ilusão pareça real
E acabe com o pouco que ainda resta de você

Uma estória só é grande
Se couber em poesia

Portanto
Viva-a
Pois depois de morto
Quando muito
Talvez por ter seguido este conselho
Virará prosa

do chão ninguém passa

Manoel Antônio dos Santos

Saio do dentista com a boca torta da anestesia malfeita. O filho da puta olhou pra mim com um risinho de escárnio escondido bem no canto dos lábios: *Até que você está comendo bem pra quem veio da pocilga*. Tudo bem, justiça seja feita, o doutor tem razão. Só não admito que suspeitem da reputação de minha excelentíssima. Porque não nasci na zona, como meu irmão.

Entro no bar, necessitando de alívio. A placa rabiscada, já quase apagada: mictório. Estaco no balcão, requisitando um refrigerio. O conhaque desce goela abaixo.

Pelas infinitas tevês na vitrine da loja vejo multiplicadas promessas de felicidade. Ouço na propaganda do condomínio de luxo que a vida aqui tem inúmeras possibilidades. Fazer o quê, não é? De certo ficaram com as minhas.

Cansei de acompanhar fila. De emprego, de hospital, da assistente social que me olha com um ar cansado, com uma cara mais amarrotada do que a minha. A fila de indigentes que se concentram para a sopa rala de veneno.

Olho para cima. A celebridade com peitão turbinado sorri para mim das alturas do *outdoor*. O que esses caras não fazem para cativar os corações inocentes? Eu sorrio de volta, sem me importar que ela veja os rombos na minha arcada dentária. Se serve de conforto, depois vou voltar a afogar o tesão no conhaque e esquecer que nunca em minha vida cachorra vou conseguir lambar as coxas da loira siliconada.

Cansei de ficar no limbo. Não tenho sangue de barata. E como dizia meu finado padrinho: por aqui a vida está pela hora da morte. Então é hora de se livrar do mau de nascença.

Pego o busão para casa. Periferia é oficina do diabo. Duas horas para chegar no último ponto. Fim de linha, grita o cobrador. Calado, concordo.

Cruzo uns capetas tontos de *thiner*. A noite já havia começado a me cobrir com seu manto quando topei com aquele sujeito de terno e gravata, com o carro enguiçado em plena boca de fumo.

Só de passar o olho já manjei o cara. Esse é daqueles que acham que a mulher é um primor de virtude.

Ele me olha e desvia o olhar assustado. De longe deu pra sacar o frio na espinha. O mané acha que é esperto. Os sapatos envernizados. O cabelo protocolado. Dá pra sacar a grife do terno da alta roda.

Será que me convida para o aniversário do filho?

De repente ergue a cabeça suada de tanto desapertar parafuso: "O amigo poderia me dar uma mão?"

Amigo...? Será que está me confundindo com algum de seus empregados?

Estufo o peito de indignação e fulmino: *Por acaso o bacana está se dirigindo a minha pessoa?*

O cara quase teve um troço. Recuou, a cara pegando fogo, voltou a abaixar a cabeça. Começo a rir da situação. Porque respeito é bom e eu gosto.

E porque o diabo escreve certo por linhas tortas, olha só quem vem chegando das quebradas. O Piroca. Detonando um beque, todo cheio de prosa com um berro na cintura.

O Piroca é um desses malandros que, quando nasceu, a mãe jogou na lixeira.

Então é assim? Pensei com meus botões. As três maneiras de você mudar de vida: nascer com o cu virado pra lua, tomar o que lhe sonegam... Como não nasci em berço de ouro e esqueci a terceira via, tive que me virar sozinho desde cedo.

Piroca também deu um jeito na vida. Se amancebou com um viado montado na grana. Agora tem salário fixo e roupa de grife. Deixa neguinho ouriçado de inveja quando passa com aquela beca maneira.

Eu tive que falar duro pro Piroca: meu irmão, você não tem vergonha de esfolar a bolsa da bicha? Fica tocando punheta pro cara enquanto imagina que está comendo a secretária dele numa praia de Acapulco.

Porra, foi ele que me colocou nessa cilada. Agora estamos encravados nesse beco. Onde o ônibus mal chega no fim da linha. Agora estamos aqui, eu, ele e o moço da máquina enguiçada. Entrincheirados no centro do nada. No meio exato do vazio. Beco sem saída. Piroca acende outro baseado e intimida o mauricinho. Tira a ferramenta para fora e mira o nego: *Agora vou cobrar minha dívida.*

Aquilo e mais a dor do dente que começava a latejar me contagiou de um ódio

espumante. *Não quero nem saber, não dou arreglo. Se der mole, acaba enrabado com a própria merda.* O cara levantou as mãos pra cima. Deve assistir muito seriado americano na tevê a cabo do *duplex* em que se esconde.

Piroca olhou pra mim e eu já sabia exatamente o que aquele olhar queria dizer. *Neguinho* comigo padece, porque esse não haveria de penar?

O sujeito tenta se esquivar pela calçada. Piroca me dá cobertura. Encurralo o almofadinha contra a parede.

Olho de frente. Esses caras não gostam que a gente se aproxime. Devem pensar que a gente tem lepra.

Encaro o bacana e digo: *Neguinho aqui vive no fio da navalha. Mas você tem mulher, celular, laptop. Tem carrão importado, conforto doméstico e o escambau.*

Aí penso com meus botões que esse cara gosta de levar porrada. "Pelo amor de Deus, olha lá o que cê está fazendo, meu chapa. Tenho mulher e filho pra criar."

Fico ali matutando, olhando diretamente para a pinta de fresco do cara que está se cagando na minha frente. Solto um cruzado na ponta do queixo, o cara urra.

Conheço essa corja inteira. Se puder, pisam no pescoço do subalterno. *Abre bem teu ouvido, filho de uma grande puta, que hoje vou te ensinar uma lição. Aqui não tem inocente. Aqui todo mundo paga o pato.*

Eu me divirto com os pensamentos que enfeitam minha cachola: esse cara tá me tirando! Esse cara gosta de ficar por cima para gozar. Mas agora está gostando de levar porrada. Grito dentro da sua orelha branquela: *Aqui, cumpade, é assim. Aqui é matar ou morrer. Você sabe onde está? Isto aqui é a sucursal do inferno.*

Odeio injustiça. Agora que estamos tão pertos um do outro, agora que já temos uma certa intimidade, chega de mímica. Precisamos ter uma conversa franca.

Por aqui ninguém tem voz, descanso, direitos. Aqui a paz é armada. Festa de batizado vira chacina. É pão sem manteiga quando a coisa está melhor. E só Deus mesmo, por testemunha.

O cara implora, diz nome de santo, pede pelo amor de Deus, oferece carteira, *rolex*, dinheiro. Diz: "pode levar tudo, mas não me machuca pelo amor de Deus".

Aquilo me tirou do sério. Até agora eu estava tão calmo que nem parecia que tinha acabado de arrancar três dentes podres a sangue frio. Dei-lhe uma bifa.

A armação dos óculos pipocou no asfalto. Os cacos se espalharam pelo chão. *Aqui é*

a danação, meu irmão. O dia seguinte do Juízo Final.

Pedi o revólver para o Piroca porque queria que ver o miserável de terno e gravata se cagando na calça, sem ter sequer uma privada suja de mictório de esquina pra descansar a bunda branca.

O sangue jorrou e empapou toda a camisa. Gemendo, ele consegue se arrastar, rastejando no meio da rua. Sem óculos não vê de que lado que vem a porrada.

O Piroca está vasculhando a carteira, contando a grana em cima do capô do carro. *Mano, o vagabundo pensa que me sacaneia.* Do ângulo em que eu estou consigo ver a brecha aberta na nuca do rapaz. E desse rombo escorre muito sangue. *Pensei assim: Então é hora de completar o serviço.*

Pego a cabeça do cara e bato várias vezes contra a sarjeta, até não sobrar nenhum dente de porcelana pra contar história. *Olha pra mim, seu corno, enquanto falo com você.*

Pela primeira vez consigo fixar os olhos azuis que estavam por debaixo dos óculos. *E não é que o cara é de presença? Piroca, o cara tem estilo pra caralho.*

Piroca está doidão, enrolando outro baseado em nota de cinquenta. Nem me escuta.

Só quer saber de se dar bem. Ri sozinho. *Olha aí, meu truta, do chão ninguém passa.*

Não sei explicar o que acontece, Piroca, mas está me dando uma vontade desgraçada de mergulhar nessa boca carnuda. Acho que foi porque o cara se entregou completamente nos meus braços rogando pelo-amor-de-Deus-sou-um-homem-de-bem-não-me-faça-nenhum-mal. Ou porque comecei a me sentir vivo de novo.

Talvez tenha sido por isso que beijei sua boca gosmenta. E na volta arranquei um naco da língua.

Do chão ninguém passa, eu gritei com toda a força dos pulmões. Um sabor de sangue tinto na boca. *Gosto de vinho, meu camarada. Gosto de me sentir vivo.*

lugar comum

Alexandre Donizeti dos Reis Cintra

Para Laura, que diminuí meus advérbios

*"Viver não dói. O que dói é a vida que se não vive
Tanto mais bela sonhada, quanto mais triste perdida"
(Emílio Moura)*

Eventualmente aprendemos...

Que atos valem mais do que palavras;
Que um pôr-do-sol lindo não vale mais do que
uma chuva com brisa na companhia correta;
Que seres humanos não são objetos;
E que embora o amor seja eterno, as pessoas não o são...

Largados, chorando, entendemos...

Que o mundo não serve apenas para nos servir;
Que nos largar a deriva é de uma sensaboria extrema;
Que largar os nossos sonhos a deriva é ainda pior;
Mas a maior solidão é a ausência de si mesmo...

Hesitando, escrevendo, sonhando, aprendemos...

Que adjetivos não são advérbios;
Que advérbios demais são adjuntos de hesitação;
Que nunca vamos saber as possibilidades imaginárias da nossa "não-hesitação";
Que aquilo que não sabemos não deve ser descoberto;
Mas que, ainda assim, o "E se" dói muito mais do que o "Não"...

Para por fim entender...

Que lágrimas não diminuem o que nos dói por dentro;
Que pensar demais nos faz passar noites em claro,
mas às vezes não clareia muita coisa;
Que às vezes é necessário chorar...
Que às vezes é necessário corar...
Que às vezes é necessário orar...
Que às vezes é necessário sorrir...
E às vezes é necessário só rir...

Finalmente vendo...

Que repetir a mesma coisa não significa aprendizado;
E que as coisas que mais ensinamos são as que mais precisamos aprender;
Que tudo dói, mas nem por isso precisamos ser tristes;
Que a dor de existir não precisa machucar;
Que a alegria ainda é o melhor remédio;
E que frases "lugar-comum" só são úteis quando aprendemos a segui-las...

ele era um João

Alexandre Donizeti dos Reis Cintra

*E um espaçograma ele enviou
Pra quem quisesse compreender
Mas ninguém nunca decifrou
O que ele nos mandou dizer*

(trecho de "Daqui pra lá", Titãs, 2001)

*"Some celestial event. No – no words. No words to describe it.
Poetry! They should've sent a poet. So beautiful. So beautiful... I had no idea."*

(Eleanor Arroway / Jodie Foster no filme "Contato", 1997)

Ele era um João. João de nada, apenas João. Um João sem sobrenomes pomposos, sem complementos estranhos e sem história. Um João sem identidade, sem vida vista, sem profissão. Um João que, desconhecido, perambulava pelas ruas à luz do luar e à vista das estrelas.

Não era um João Goulart, um João Figueiredo, tampouco um João Guimarães Rosa. Jamais aprendera a ler ou escrever, nem mesmo a própria alcunha. Assinava as ruas com o dedão e não achava grande coisa em nada, pois sequer aprendera a pensar.

Ocorre então que o João-Sem-Nome vagava por uma rua da cidade em que vivia; da mesma forma que nas décadas anteriores, sendo apenas mais um João nas ruas da madrugada; um número andando, invisível a quem quer que fosse... Nessa caminhada, ocorreu a João olhar para o céu e o que viu lhe impressionou.

Viu um pequeno ponto que crescia (crescia) em uma profusão de cores e brilhos, até se tornar um grande e brilhante objeto ovalado, que parou sobre a Cabeça-Sem-Cabelos de João-Sem-Nome.

João estava atordoado. Faltavam-lhe palavras para explicar o que via. Não por ser homem de poucas palavras, coisa que realmente o era, mas pela beleza incompreensível daquele objeto, pela sensação indescritível.

Era como se sua vida não fosse mais o que era segundos antes. Uma sensação de leveza se apoderava do seu corpo, e surpreendentemente João começou a flutuar até o objeto. João tinha medo de alturas, mas por alguma razão, ele sabia que aquilo jamais poderia lhe machucar. O objeto era fantástico demais para poder lhe causar qualquer mal, não havia motivo para preocupação.

João-sem-nome chegou ao interior do disco. As paredes eram transparentes, e através delas ele via o local em que estava até há pouco. Dentro do disco havia objetos também; objetos que para João sem nome nada significavam, mas que para as outras pessoas eram peças de uma tecnologia-que-jamais-sonhamos-atingir.

João foi recepcionado por uma forma hominídea com olhos grandes, negros e misteriosos e um corpo branco e fino que emanava uma energia boa, parecendo sorrir por dentro. João não sentia nenhum medo, não podia. Era um João bravo, sem nome e sem medos, já que nunca tivera o que perder senão a própria vida. Mas também não carecia, porque aquele ser dizia sem palavras que não havia o que temer, e aquilo era uma sensação muito tranquilizadora.

João foi mentalmente convidado a se sentar em um assento que ali havia, e assim o fez. O ser hominídeo se retirou e o objeto começou a se mover.

Moveu-se a uma velocidade assustadora. João assistia pelas paredes a passagem de sua cidade, via do alto a beleza das luzes daquele lugar. Mas começou a subir mais alto, e mais, até onde não havia mais alto e baixo, começou a ir mais longe do que jamais a humanidade chegou. Viu estrelas, constelações inteiras, nebulosas, poeira interestelar, as visões mais belas que jamais sonhara ter. Olhando toda aquela imensidão, João acabou pensando...

João começou a pensar e pensar, pensar mais do que jamais pensara em toda sua vida. Pensou até não poder mais.

Aquelas visões lhe davam uma nova dimensão do que era e onde estava, entendia agora a imensidão do universo e sua pequenez ante a ele.

João foi devolvido no mesmo lugar do qual havia saído, e os relógios (Ele não sabia disso. Não sabia olhar as horas) marcavam o mesmo horário em que João saíra de lá. No entanto, ele agora já não era um João-Sem-Nome, ele era mais do que isso, era um ser pensante, consciente de sua existência, da sua pequenez e do mundo que o rodeava.

Mas a não ser pelo seu interior, nada mudara na vida de João. Ele saiu andando como sempre fizera, pois por mais que houvesse descoberto, por mais que houvesse compreendido sobre o que somos na realidade, aquilo era algo só dele, e a humanidade não compreenderia. Obtivera lições importantes que não chegou a compartilhar, afinal, João podia entender a humanidade, mas o mundo jamais o entenderia, como nunca entendera.

Alexandre Donizeti dos Reis Cintra

A – FMRP

"Particpei das duas últimas edições do Poeta de Gaveta."

medidas da vida

Rodolfo José Lopes

A vida não é medida pelas vezes em que nos mantivemos impassíveis, mas por aqueles momentos em que fomos surpreendidos de queixo caído em razão de um grande entender que, de repente, nos tomou por inteiro.

A vida não é medida pelo tempo em que mantivemos os pés no chão, mas sim por cada momento em que fomos às nuvens, pisamos na lua, viajamos em direção às estrelas, aos confins do universo por um amor.

A vida não é medida pelo número das batidas compassadas do coração, mas sim pelas vezes em que perdeu o compasso, acelerou, perdeu o ritmo, parecendo querer pular do peito por causa de uma paixão avassaladora.

A vida não é medida pelo pulsar do ar entrando e saindo dos pulmões, mas pelas vezes em que a respiração pára motivada por uma forte emoção, pois só vive quem sente emoções, aprende, e as semeia aos quatro ventos.

Rodolfo Lopes

F – EEL

"Gosto de viajar pelo mundo mágico dos livros, das letras, de ser conduzido pelo autor através de seu mundo mágico. Gosto de me tornar também naquele ser mágico que conduz o leitor nas visitas que ele faz ao ler minhas 'letras.'"

vazios internos

Adilson Roberto Gonçalves

Fantasmas pululam minha existência,
fervem dentro de minha alma,
forçando criar sua própria vida
com consciência.

Pensamentos se confundem com sentimentos
e o agridoce do dia-a-dia sorvido
vai goela abaixo liberar as lutas intestinas,
desde o pé até o ouvido.

Mais que ouvir, degusto minha podridão inexorável
sabendo que a seiva de um possível amor
apenas se diluirá neste mar infernal
de onde brota uma plácida dor.

Afugentar estas vis sombras do além
já me é tarefa desprezada,
pois o sono mais uma vez domina minhas lacunas
e saberá me conduzir ao reino dos lúcidos loucos como ninguém.

Adilson Roberto Gonçalves

D – EEL

Alguns poemas, crônicas e contos publicados em antologias. Participou dos concursos de cartas de amor da Casa da Cultura de Lorena, sendo premiado três vezes. Integrou o Poeta de Gaveta 14.

o bem-te-vi

Isnaldi Rodrigues de Souza Filho

Um Bem-te-vi veio até minha janela.
Talvez veio me dizer:
– Bem-te-vi!!!

Mas o dia estava
Feio, triste e chorão.
E eu, covarde, tal como...
... o dia.

O pássaro pulou em minha mão
E, parado, ficou a me olhar
Meus olhos se encheram de lágrimas
E suas cores se misturaram:
O amarelo, a confusão.
O cinza, a perdição.
O castanho dos seus olhos, a infinidade.
Dei-lhe um espanto:

– Voe, Bem-te-vi, porque de bem-te-vi,
você nada viu!

Isnaldi Rodrigues de Souza Filho

A – EEL

"Escrevo há alguns anos e compartilho meus trabalhos com amigos e familiares. Participação no Poeta de Gaveta 2007, volume 14 e Exposição de Poesias na XII Semana de Arte e Cultura da USP, no Campus de Lorena (Escola de Engenharia de Lorena)."

encontrado o ovo do monstro!

C. R. Macedonio

Nas proximidades do Monstro Melado, em São Paulo, República do Cabo Verde, foi encontrado um ovo, que dizem pertencer ao famoso monstro que habitava estas paragens. Uma história cheia de contradições, até hoje ninguém conseguiu ver o tal monstro, apesar de haver relatos fervorosos de pessoas dizendo ter se deparado com o tal monstro. Segundo estas pessoas este teria, no mínimo, duas cabeças, quatro mãos, um rabo enorme e sobre a pele uma secreção melada, mas tão melada que acabou emprestando o nome para a região. Não há dados oficiais sobre o tal monstro, mas, segundo paleontólogos Cabo-verdenses, se houve algum monstro nesta região, este foi extinto há mais de um milhão de anos. Em novembro de 1958, algumas pessoas encontraram pegadas no sopé da Serra do Papa-Troxa, que imediatamente foram atribuídas ao bendito monstro. Mas o caso que causa mais frisson na população foi o do lavrador Antonio Pedro Goleiro, que, segundo ele, em uma noite de lua cheia, quando retornava a pé de uma visita feita ao amigo e vizinho Paulo João Artilheiro, ouviu algo na mata ao redor da estrada, um gemido de dor, como se um animal muito grande tivesse sido alvejado. Antonio, curioso e corajoso, entrou no mato, andou por uns cinco minutos, quando, segundo ele, deparou-se com algo que diz não querer nunca mais ver na vida. O ser era horrendo, enorme e melado. Ao vê-lo, o monstro assustou, Antonio assustou, os animais da mata se assustaram, todos correram, cada para seu lado. Antonio só parou de correr quando chegou a casa. Ninguém sabe ao certo o que Antonio viu, na dúvida foi o monstro. Quanto ao ovo, este ficará exposto no Museu Nacional, para visitação pública.

trenó de papai noel cai em favela

C. R. Macedonio

Noite passada, por volta das 23h45min, o trenó de Papai Noel caiu sobre a Favela do Pédefora, ferindo quarenta e matando quinze moradores, dentre elas seis crianças, algumas foram encontradas com meias na mão. Os feridos foram encaminhados ao hospital público. Testemunhas disseram que o trenó estava abarrotado, vinha em zigue-zague e em alta velocidade, a certa altura notaram que a pessoa que o pilotava perdeu o controle do veículo, indo este se chocar contras os barracos da favela. O veículo, tracionado por renas, ao chocar-se com o primeiro barraco resistiu e foi derrubando tudo que viu pela frente, parando somente depois de derrubar mais de 22 barracos. Antes da queda, as testemunhas viram que o piloto acionou o acento ejetável, conseguindo salvar-se e ser socorrido por populares. Estes populares afirmam que o piloto, logo identificado como Papai Noel, estava embriagado, e delirava, dizendo: "lia festa estava ótima", "o ano que vem estou lá de novo", etc. O controle de tráfego aéreo informou que o destino da aeronave era a área nobre da cidade, onde deveria chegar à meia-noite, para distribuir os presentes, para as famílias que lá moram. Aliás, por sorte, e devido à resistência da aeronave e a habilidade das renas, nenhum dos presentes se estragou, garantindo assim um feliz natal. O enterro das vítimas será às 14h.

C. R. Macedonio

F – ESALQ

Criador do slogan: "Piracicaba 2010 • Realizando o futuro". Fotos publicadas na seção Foto do Dia do Jornal de Piracicaba e outra na Gazeta de Piracicaba.

folhas secas

Amanda Christina Vieira Fonseca

Ao vento
Voam livres
Folhas secas
Como notas musicais
E lembranças...

Saudade do que não houve,
Lembranças de um lugar
Bem longe
E ao mesmo tempo
Bem perto
No qual fomos felizes

Folhas secas
Que voam na memória
E chegam ao coração
Com uma fragrância especial
Chamada amor

Pensamentos e lembranças
Dos sonhos que não aconteceram
Mas que vão acontecer
Num belo dia
Ao anoitecer

Folhas secas
Amores perdidos,
Corações partidos
Ou talvez divididos
Entre o amor e a razão
Coisas do coração

Folhas secas
Uma lembrança do passado
E uma história,
Talvez a sua própria história
Que você jamais vai se esquecer
Sem mesmo se lembrar...

Amanda Fonseca

A – EEL

"Escrevo desde criança. Fui premiada três vezes nos Concursos de Poesia realizados pela Casa da Cultura de Lorena, tirei as notas máximas nas redações dos vestibulares, tive poemas expostos nas Feiras da Cultura da escola em que cursei o ensino fundamental; poemas expostos no COTEL (2001/2002) e na EEL (2007)."

tortura

Humberto Felipe da Silva

À volta
Olho
A torto e a direito.
Abro
Segundo o esquerdo
O direito primeiro.
A boca
Escancar no espasmo
Do espanto.
E
Canto
O longo gemido
Tirado do gancho
Que arranca
A pele
Que o algoz
Insiste
Em despelar-me.
De olho
No
Sistema
Do cárcere
Privado
Da dignidade
Que o tapa
Espalmado,
Agudo
No
Tímpano
Rompendo-me

O orgulho
E abrindo
O verbo
Que a boca
Vomita.
E os globos
Agitados
Só oprimem.
E delato
E entrego.
Que é forte
A dor
Que jorra.
A consciência
Ofuscada,
Verto
Nomes
De novos
Espancados
Que o
Dói-
Code
Ávido
Procura.
E morro
Vivo
Seu nome
Traído
Pelo
Espeto
Rubro
No meu...
"Homem"
Ser.

Humberto Felipe da Silva

D – EEL

Autor inédito, escreve há alguns anos apenas para extravasar seus sentimentos. Primeira vez que submete seus trabalhos a público.

versos soltos

André Alves Prado

Nas nuances da vida
eis que a encontro em um farol
Mulher bela, corpo desnudo
De boca carnuda
e um olhar factível de ser
Cabelos longos, da cor do sol,
olhos brilhantes,
viajantes,
verdadeiros como diamantes!
E a vida prossegue
com o ar de promessas
que um dia se cumprirão

André Alves Prado

F - EEL

"Quando menino os meus primeiros poemas eram guardados em uma caixa de sapatos. Hoje alguns foram publicados. Outros permanecem na gaveta."

cotidiano

Maria Luiza Bonazzi Palmieri

Os passos apressados ignoram a realidade,
O egoísmo domina neste deserto urbano.
Os prazeres terrenos criam a falsa felicidade,
É esquecido o valor humano.

Máquinas funcionam sem interrupção,
Esquecem-se da emoção e da razão,
Acham natural aquele homem dormindo no chão
Ou nem mesmo reparam naquela situação.

Preocupadas com os seus afazeres,
Acostumadas à sua rotina,
Esquecem-se dos reais prazeres
E da verdadeira alegria.

Vivem em seu mundo particular,
Protegidas pela muralha da ignorância,
Só se preocupam em trabalhar
E não às pessoas dar importância.

Esquecem-se de que a busca da felicidade
É a principal razão da nossa existência
E que essa experiência
Acompanha-nos por toda a eternidade...

Maria Luiza Bonazzi Palmieri

A – ESALQ

"Nunca tive nenhuma publicação literária, mas escrevo desde os meus 12 anos."

tapirapé

Erich Colicchio

Toda vez
que lembro
do entardecer
no Araguaia,
meu coração louco
se espraia
no calor do Xavantinho.

Suas águas clareadas
pelo sol sempre alto,
a queimar o homem
da voadeira,
são cortadas,
mas não impedidas
de encontrar lá longe...
com o Tapirapé verdejante,
onde suas margens
vivem a enriquecer o povo sofrido
e corajoso de lutar.

Seu caminho sinuoso
atravessa mansamente muitas vezes a solidão,
levando acalento e força
a quem vive dele.
Seus filhos nunca esquecerão
dos banhos,
do boto
e dos murmúrios e cantarolar das lavadeiras
misturados ao sussurro de
suas águas tranqüilas
que dão vida,
felicidade
e saudade.

Erich Colicchio

Doutorado – ESALQ

"Escrevo poesias desde a minha adolescência, sobre temas: regionais, sociais e o amor. Tenho algumas poesias publicadas, inclusive no Poeta de Gaveta de 2007. Sou doutorando em Ecologia Aplicada na ESALQ e professor da Fundação Universidade do Tocantins."

pontuado

Roque Pinho

Sentado na janela, pensando, eu rememorava os velhos tempos em que me sentia um travessão, pronto pra iniciar uma bela frase para a vida. Ou, quem sabe, uma aspa, pronta pra fazer sua citação. Sem saber nem mesmo onde terminaria esta citação, e de quem seriam aquelas palavras que eu absorvi...

Lembrei-me também de todas as pausas. Minha consciência colocava vírgulas e pontos nos meus impulsos e desejos. Refreava aquela nossa euforia juvenil e, vez em quando, abria com dois pontos uma série de exemplos de conduta, os quais eu seguiria mais tarde. Os desejos eram sempre constantes naquela fase — e hoje também — e os freios da consciência davam a vertente de juízo que precisava se conciliar com eles. Mas eu me sentia como um apóstrofo ou um hífen, dividindo uma palavra ao meio. Afinal, frear os desejos é sempre muito estranho. E eles se apresentavam em itálico, inclinados para frente, sempre me impulsionando para mais uma aventura...

Guardei também na memória os momentos em que fui uma interrogação ambulante. Rondava absorto em questões que pareciam não resolver nada e, ao mesmo tempo, resolveriam tudo dentro de minha mente. Queria sentido para todas as coisas! Mas será que é preciso existir sentido para tudo? Lá vem! Fase de interrogação aflorando...

Ademais, lembro-me também de belas fases em que fui uma exclamação. Eu atuei e decidi nas horas certas, gritei e lutei contra o que eu não aceitava e ainda sussurrei doçuras com a certeza vaga de quem acha que sabe algo sobre sentimentos...

Assim, abri grandes e inúmeros parênteses em minha longa caminhada e não lembro de me arrependeu de nada, nem mesmo de alguns asteriscos e notas de ro-

dapé que por ventura aconteceram. Orgulho mesmo foi lembrar em sublinhado minhas fases de acento. Eu podia modificar sílabas, palavras, pessoas, suas vidas e seus sentidos, apenas com a força da minha acentuação. Era o meu toque na vida das pessoas; insubstituível, único, ímpar. Às vezes agudo, às vezes circunflexo, mas sempre modificando o que estava ao meu redor...

Hoje me contento em saber que sou apenas reticências no final de mais uma frase da vida, que passará com a velocidade implacável do tempo. E durmo sonhando em colocar mais algumas palavras em negrito num futuro próximo.

Por vezes me pergunto se passei por "fases" ou "frases" nesta vida. E já confundo minha vida — e nossas vidas — com um grande texto incansavelmente escrito em prosa, que tem, por merecimento, direito a alguns parágrafos em verso.

Há quem não aprove esta analogia da vida com os textos. Talvez eles tenham cadernos fechados para o aprendizado ou páginas viradas para a imaginação. Ainda prefiro apreciar a beleza perigosa de viver escrevendo nosso próprio caminho, sem ter uma borracha para apagar os erros e borrões.

morte da andorinha (pouso repouso)

Roque Pinho

Andorinha, que agora explora aquela amora,
Outrora fora a causadora do meu sorriso,
Mas a pletora de aurora que a encanta e doura
Já não se instala bela e clara como é preciso.

Enquanto dura sua procura pela essência pura,
Apura-se ao redor a escura e púrpura silhueta,
Onde a loucura fura o senso espúrio da ternura,
A maldade invade a imagem e a acerta.

Por um passado pretérito e imperfeito,
A pedra punge seu corpo preto e pobre
E põe as pernas, penas, plumas e peito
A valerem mais que seu coração nobre.

E da garganta de mil quanta a manhã se levanta,
Cobrinho tudo antes na sua euforia torta,
O pranto em mim adianta-se, pois não mais vos espanta
A paisagem-dor de uma andorinha morta.

Roque Pinho

Mestrado – ESALQ

"Não tenho publicações, apenas escrevo informalmente."

reverso da medalha

Álvaro Coimbra Simões

Sou preto, pobre, resto!
A burguesia diz que eu não presto
Prato indigesto!
Mas pra pagar seu luxo, eu presto

Sou gay, latino, suburbano
Escória do continente americano
Sou burro, trouxa, analfabeto
Da medalha, o reverso

O nativo dono da terra
O europeu mata e enterra
Com medo de tanta cultura
Está na pólvora sua bravura
O SENHOR é meu pastor
Nada há de faltar
Invada este país
Faça petróleo jorrar
Papai Noel da coca-cola
O rei vendido da bola

Independente da dor da verdade
Não serei reticente
Meu produto interno é bruto
Enérgico e eficiente

Não basta ser contra
Tem que ser consciente
Buscar munição, informação
E não ser conivente

À margem dos fatos
Esperando o enfarto
Não sou Don Quixote
Nem tampouco sou pobre

Ser nobre é ser cúmplice
Ser pobre é ser réu
Ser omissos é impune
O júri Maquiavel

O covarde é promíscuo
O indiferente e submisso
Recuar é suicídio
Ir à luta é difícil

Tudo é escolha
Não é ser alheio
Entregue-se inteiro
Arranque a rolha

Se comove se move
Vá além, não fique aquém
Vá longe, não fique distante
Não seja mais um ignorante

Ser nobre é ser cúmplice
Ser pobre é ser réu
Ser omissos é impune
O júri Maquiavel

Não siga o exemplo das Mulheres de Atenas
Derrube as diásporas da negligência
Os templos da complacência
Rompa o mármore da inconsciência

Não trilhe as veredas da obediência
Apague a apatia com inteligência
Não permita o acaso de sua ausência
Lute sempre com sapiência

Álvaro Coimbra Simões
F – PCLQ
Músico e poeta amador.

vaga

Benedita Giangrossi

Vaga lembrança de um passado
Próximo cheio de alegorias
Ideais, loucuras, fazeres e afazeres.
Por que desfazeres?

Um número separa você do universo
Empoeirado dos resquícios da humanidade.
Uma centena de números
Catalogando os seres individuais.

Neurônios espionados, anulados;
Tentando anular poetas, impedir a venda de bicicletas,
De aviões, motocicletas;
Tudo que possa voar.

O pensamento: esse ninguém duvida;
Que possa não voar.
Mesmo que seja entre poeiras limpas
E olhares perdidos.

A vida é uma vaga a ser preenchida
Pelos moribundos da noite
Pelas meretrizes da esquina
Pelo sorriso singelo de uma criança.

Tão vaga minhas lembranças
Tão feroz minha esperança
De colocar as coisas
Nos seus devidos is.

Lá fora a chuva chove
Aqui dentro contemplo a quietude
Das árvores cúmplices
Do ânimo enfurecido pela vontade de falar.

Vaga, tão vaga! Mas uma vaga
Que segura, protege, ampara, alucina,
Desvaira os amanheceres
E anima os anoiteceres, tão vago.

Benê Giangrossi

F – ESALQ

"Escrevo esporadicamente, mas já publiquei em jornais da cidade. Escrevo também textos de teatro."

dias de luta

Cláudio Silva Cardoso

Suas palavras apagadas,
Transformadas em clausuras,
Seus gritos silenciados,
Transformados em torturas.
Seus desejos suprimidos,
Transformados em infortúnios,
Cicatrizes profundas,
Numa vida vilipendiada.
Onde o ego vive amordaçado,
Sufocando o coração,
Com dores na alma,
Onde poucos enxergam.
Perdeu a alegria,
Esqueceu a felicidade,
Nessa luta interior,
Busca forças na dor.
Neste monólogo triste,
Descobriu o mito da sua caverna
E desejou um epílogo,
Nisso tudo.

Realizou-se pela primeira vez.
Desencadeando a sua revolução.
Numa epopéia divina,
Acordou a coragem,
Renasceu o homem,
Lúcido e vívido.
Nascente de águas límpidas,
Brotou esperança,
Transbordou inteligência
E o fez audaz.
Abraçando a realidade,
Onde sua razão voltou a si
E agora vive dias de luta,
Superando qualquer deprê.

Cláudio Silva Cardoso

F – FZEA

"Particpei de três edições do Poeta de Gaveta e uso
isso como estímulo, tem dado certo, pois tenho alguns
trabalhos selecionados."

tabacaria

Fábio Scorsolini Comin

Para Erica, a menina que cheira à poesia.

"(...) Come chocolates, pequena, come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. Come, pequena suja, come! Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!"

(Fernando Pessoa, "Tabacaria", 1928)

Pequenos segredos trocados
Feito papel luminoso de chocolate.
Poesias amassadas
E reescritas com as mãos meladas
Uma, duas, três vezes.
Amo-amam o vestígio gorduroso
Das tuas palavras nas minhas,
A rima que se adoça
Quando nossos vinte dedos se lambem,
derretidos:
Pequenos pecados correspondidos.
E peço bis.

Fábio Scorsolini Comin

Mestrado – FFCLRP

"Particpei de alguns volumes do Poeta de Gaveta e de outros concursos. Escrevo por inquietação, como uma necessidade primária que me toma de assalto sem hora marcada. Escrevo para acalmar o corpo e eriçar a alma, para passar o tempo e também para fazer o tempo parar de vez em quando."

opções (não palindrômicas)

Werner Robert Schmidek

Todos os caminhos
me levam a ROMA.
E Roma é poder.

Vou mudar de direção
e talvez todos os caminhos
me levem ao AMOR



Projeto Poeta de Gaveta

Inscrições realizadas no período
de 8 de maio a 13 de junho de 2008.

Total de 59 participantes com 146 trabalhos inscritos:

 Lorena – 14 p • 35 t
 Piracicaba – 7 p • 15 t
 Pirassununga – 1 p • 3 t
 Ribeirão Preto – 36 p • 90 t
 São Carlos – 1 p • 3 t

POETA DE GAVETA é uma publicação de poemas, contos e crônicas de alunos, funcionários e docentes dos campi da USP, editada pela Seção de Atividades Culturais da Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto – USP. Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

POETA DE GAVETA

Volume 15 – 2008

ISSN 1516-0513

Impresso em novembro de 2008.

Tiragem de 800 exemplares.

Distribuição gratuita.

Proibida a reprodução sem prévia autorização.

Impressão e Acabamento
Ferrari Editora e Artes Gráficas
Rua Marquês de Lajes, 131 – Vila Brasilina
São Paulo, SP . CEP 04162-010
Tel.: (11) 5073.0966 / 5073.1667
<http://ferrariweb.com/>

